

DEFICIÊNCIA DE VITAMINA B12 EM PACIENTES COM ZUMBIDO

KONRADO MASSING DEUTSCH; ALICE SILVA; ALICE XAVIER; CHRISTINE CIOBA; LUCAS PIRES STOCKER RIES; MIGUEL BONFITTO; VANESSA BELLINE; BRUNA FORNARI VANNI; LETÍCIA ROSITO

Introdução: O zumbido é uma percepção sonora anormal na ausência de sons de uma fonte externa. A patogênese do zumbido ainda não está inteiramente elucidada, porém, estudos relacionam a gênese do zumbido, entre outros, à desmielinização de fibras nervosas. Tendo em vista que a deficiência de vitamina B12 (cobalamina) está associada à disfunção neural, uma relação entre zumbido e deficiência de cobalamina pode existir. Objetivo: Descrever o perfil dos pacientes do ambulatório de zumbido do HCPA que apresentam deficiência de cobalamina e verificar se há correlação entre tal entidade e o incômodo causado pelo zumbido. Materiais e métodos: Foram avaliados 292 pacientes que responderam à ficha de primeira consulta e ao IQV (inventário de qualidade de vida - questionário validado internacionalmente que avalia o desconforto causado pelo zumbido) e que tiveram seus níveis séricos de vitamina B12 dosados. Deficiência de cobalamina foi definida como $<211\text{pg/ml}$. Resultados: Dos 292 pacientes avaliados, 22 (7,5%) apresentaram deficiência de cobalamina. Dentre esses, a média de idade foi de 58,6 anos, 17 (77,2%) eram mulheres, 1 (0,4%) afirmou ingerir álcool diariamente e a média do IQV foi de 44,1. Nos demais, a média de idade foi de 58,6 anos, 165 (61,1%) eram mulheres, 4 (1,4%) ingeriam álcool diariamente e a média do IQV foi de 42,4. Não houve correlação estatisticamente significativa ($p=0,29$) entre os níveis de vitamina B12 e o IQV com o teste de Spearman. Conclusões: Apesar das teorias acerca da deficiência de vitamina b12, na nossa amostra, não houve correlação entre os níveis dessa vitamina e a gravidade do zumbido. No entanto, a alta prevalência desta deficiência indica que estudos mais sólidos são necessários para avaliar seu papel na gênese do zumbido.

ASSOCIAÇÃO DE LESÃO DE LARINGE PÓS-INTUBAÇÃO E A DURAÇÃO DA VENTILAÇÃO MECÂNICA EM UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA PEDIÁTRICA

CAROLINA ROCHA BARONE; PAULA PITTA PINHEIRO, MARIANE TOMIYOSHI ASATO, KHARINA MAYARA MOREIRA DIAS, ELIANDRA DA SILVEIRA DE LIMA, DENISE MANICA, DENISE MANICA, CLÁUDIA SCHWEIGER, MARIANA MAGNUS SMITH, GABRIEL KUHL, PAULO ROBERTO ANTONACCI CARVALHO, PAULO JOSÉ CAUDURO MAROSTICA

Introdução: Crianças com disfunção respiratória grave podem requerer intubação e ventilação mecânica, estando sujeitas a diversas complicações; destas, a estenose subglótica (ESG) é possivelmente a mais grave e a mais temida. **Objetivos:** Determinar a incidência de ESG e averiguar o papel da duração da ventilação mecânica e de outros fatores de risco no desenvolvimento de lesão de laringe em crianças submetidas à intubação endotraqueal em Unidade de Terapia Intensiva Pediátrica (UTIP). **Materiais e Métodos:** Estudo prospectivo. Todas as crianças de 0 a 4 anos internadas na UTIP do Hospital de Clínicas de Porto Alegre que necessitaram de intubação endotraqueal por mais de 24 horas foram elegíveis. As crianças foram acompanhadas diariamente e, após a extubação, foram submetidas à fibronasolarinoscopia (FNL). Aquelas que desenvolveram sintomas durante o acompanhamento e todas as que tinham alterações moderadas a graves no primeiro exame foram submetidas a novo exame. **Resultados:** Foram incluídas 142 crianças entre novembro de 2005 e outubro de 2010. Na FNL inicial, 58 crianças (40,8%) apresentaram alterações laríngeas moderadas a graves. Na FNL de revisão do grupo com alterações moderadas a graves, 15 crianças apresentaram ESG. Dentre as crianças incluídas, a incidência de estenose subglótica foi de 11,3%. Após regressão de Poisson, encontramos que para cada 5 dias adicionais de intubação há um acréscimo de 50,3% no risco de desenvolver ESG e para cada dose extra de sedação/dia, um incremento de 12% nesse mesmo desfecho. **Conclusões:** Encontramos alta incidência de ESG. O tempo de intubação e a necessidade de doses extras de sedação parecem ser fatores cruciais para o desenvolvimento de ESG durante intubação endotraqueal.

PREVALÊNCIA DE HIPOTIREOIDISMO EM PACIENTES COM DOENÇA DE MÉNIÈRE

IZABELA RODRIGUES ÁVILA; LUIZ LAVINSKY, MARCEL VALERIO, MIGUEL BONFITTO

Introdução: A Doença de Ménière (síndrome da hidropsia endolinfática idiopática) caracteriza-se por episódios recorrentes de vertigem, zumbido e hipoacusia flutuante. A falta de uma teoria etiológica única para Doença de Ménière pode refletir sua heterogeneidade clínica e genética. Diversas patologias estão associadas à doença de Ménière, dentre elas o hipotireoidismo, provocando alterações metabólicas importantes que tem papel na precipitação da doença. Diversos autores apontam uma prevalência significativamente maior de hipotireoidismo em pacientes com Ménière. **Objetivo:** Estimar a prevalência de hipotireoidismo em pacientes com Doença de Ménière atendidos no Ambulatório de Otolgia-Ménière do HCPA. **Métodos:** Foram analisados 71 pacientes com diagnóstico definido de Doença de Ménière entre 2006 a 2011, e foram submetidos a protocolo padronizado incluindo anamnese específica, exames audiovestibulares, laboratoriais e de imagem. Dentre os exames laboratoriais, está incluído o screening básico para disfunção tireoidiana: TSH e T4 livre. **Resultados:** Dos 71 pacientes avaliados com TSH e T4 livre, 8 pacientes apresentaram exames alterados para hipotireoidismo (11,2%). **Discussão:** Na população em geral, a prevalência de hipotireoidismo é de 0,3%. Estudos anteriores determinaram uma prevalência de hipotireoidismo em pacientes com Doença de Ménière de 3 a 17%. No nosso estudo, a prevalência de hipotireoidismo encontra-se significativamente aumentada quando comparada à população em geral e semelhante a encontrada em outros estudos para pacientes com Doença de Ménière. **Conclusão:** Haja vista a prevalência aumentada de hipotireoidismo na população estudada, testes de rastreio devem, portanto, ser considerados para pacientes com Doença de Ménière.

PÊNFIGO LARÍNGEO: RELATO DE CASO

MARCOS SOARES; GABRIEL KUHL, CLÁUDIA SCHWEIGER, LARISSA VALENCY ENEAS, DENIOSE MANICA

Introdução: Pênfigo é um grupo de doenças vesicobolhosas de mucosas e pele. É raro (0,7:100000 pessoas/ ano), crônico, autoimune, mais comum em mulheres (2:1) e adultos. É caracterizada pela perda da coesão entre células epidérmicas, a acantólise. A patogênese da doença se caracteriza pela presença de autoanticorpos do tipo IgG contra a desmogleína, que é molécula de adesão intercelular. O acometimento laríngeo da doença é extremamente raro e pode se apresentar com leve rouquidão a edema laríngeo intenso com obstrução da via aérea. Achados comuns na laringe são: edema, ulceração, bolha, membranas e estenose. **Caso Clínico:** L. M. C., 6 anos, parda, procedente de Viamão. Há 5 anos paciente teve episódio de estomatite e lesões em língua associada a rouquidão. Desde então, não houve melhora da disфонia. Relata quadros de irritação na garganta, sendo medicada com amoxicilina e prednisona com aparente melhora. Ao exame físico: Sem lesões de pele. Língua fissurada, associada a múltiplas placas esbranquiçadas e múltiplas ulcerações e crostas labiais. Videolaringoscopia: Brotos papilomatosos em ambas pregas vocais, aparentemente não obstrutivos. Brotos em aritenóides e região interaritenoidéa com aparente estenose supraglótica, sem movimento de abdução de aritenóides. Realizada laringoscopia direta com estenose interaritenoidéa e irregularidade de mucosa em comissura posterior, glote e supraglote com brotos em prega vocal esquerda. Realizada biópsia das lesões com seguinte resultado anatomopatológico: laringite acantolítica suprabasal, com espongirose eosinofílica e inflamação crônica moderada. Realizada imunoflorescência direta com resultado positivo em IgG linear em pontes intercelulares e traços de C3 em pontes intercelulares, levando ao diagnóstico de pênfigo vulgar mucoso.

CARCINOMA EPIDERMÓIDE EM DORSO DE LÍNGUA EM PACIENTE NÃO TABAGISTA E NÃO ETILISTA: UM RELATO DE CASO

RODRIGO GONÇALVES DIAS; JESIEL BALLERINI; MIGUEL BONFITTO; DEISE MARA LIMA DA COSTA

a) **Introdução:** Apesar de os tumores malignos de boca estarem associados a tabagismo e etilismo em cerca de 90% dos